

Implicações do *bullying* na infância e adolescência no autoconceito de estudantes universitários

*Layrtthon Carlos de Oliveira Santos
Francisco de Assis Leite de Menezes*

Resumo: O *bullying* é uma violência que pode levar as vítimas a desenvolverem ansiedade, depressão, baixa autoestima e outras sequelas. O objetivo deste estudo foi explorar como o *bullying* vivenciado na infância e/ou adolescência comprometeu o autoconceito atual de indivíduos adultos, e conhecer as consequências percebidas deixadas pela experiência adversa em suas vidas. Participaram 44 estudantes universitários com média de idade de 22,3 anos, a maioria do sexo feminino, que responderam a um questionário com duas perguntas abertas e questões demográficas. Os dados foram analisados por meios dos *softwares* SPSS e Iramuteq. Os resultados mostraram a percepção de sintomas clássicos (e.g., ansiedade, baixa autoestima) e deram indícios de trauma psicológico, bem como confirmaram o comprometimento do autoconceito atual. É discutida a necessidade de intervenções preventivas do *bullying*, acompanhamento psicológico e promoção de autoconceito positivo nas vítimas como estratégias para promover saúde psicológica e melhor qualidade de vida para as mesmas.

Palavras-chave: bullying; autoimagem; trauma psicológico.

Implications of *bullying* in childhood and adolescence on the self-concept of university students

Abstract: Bullying is a form of violence that can lead victims to develop anxiety, depression, low self-esteem and other consequences. This study aimed to explore how bullying experienced in childhood and adolescence compromised the current self-concept of adult individuals, as well as knowing the perceived consequences left by the adverse experience in their lives. 44 university students participated, with an average age of 22.3 years, mostly female, who answered a questionnaire with two open questions and demographic questions. Data were analyzed by SPSS and Iramuteq softwares. The results showed the perception of classic symptoms (e.g., anxiety, low self-esteem) and gave evidence of psychological trauma, and confirmed the impairment of the current self-concept. It discussed the need for preventive bullying interventions, psychological support and promotion of positive self-concept on the victims as strategies to promote psychological health and better quality of life for them.

Keywords: bullying; self-concept; psychological trauma.

Introdução

O *bullying* consiste em um comportamento agressivo, de caráter repetitivo ao longo do tempo e que envolve um desequilíbrio de poder entre o indivíduo que é alvo ou vítima e aquele que perpetra o ato, o agressor (Olweus, 1993; Olweus, Limber, & Breivik, 2019). Este fenômeno pode assumir diferentes formas, como o *bullying* físico,

ou verbal, o relacional e o *cyberbullying* (Olweus et al., 2019). O primeiro tipo envolve uma conduta direta e se expressa fisicamente, incluindo chutes, socos, empurrões, pontapés, tomar objetos e extorquir dinheiro da vítima. O tipo verbal é o mais comum, inclui comportamentos diretos e dados verbalmente, como insultar e conferir apelidos desagradáveis, que humilham e constrangem. O *bullying relacional*, por sua vez, é caracterizado como atos indiretos, como excluir deliberadamente a vítima de um grupo, afetando suas relações sociais (Cardoso, Medeiros, Pereira, & Zequinão, 2016; Garbin, Garbin, & Gatto, 2016).

No que diz respeito ao *cyberbullying*, este detém as mesmas características das demais formas do construto, isto é, ser uma agressão repetitiva, intencional e que envolve diferença de poder entre as partes, porém dando-se através de formas de comunicação eletrônicas a exemplo de aplicativos de mensagens, redes sociais, e-mail etc. (Olweus & Limber, 2018). Além disso, apesar de ocorrer por meios específicos, o *cyberbullying* está positivamente correlacionado com os *bullyings* físico, verbal e relacional, apresentando, portanto, covariância com as demais formas do fenômeno (Johansson & Englund, 2020).

As pesquisas sobre o *bullying* iniciaram-se nos anos de 1970, sendo Dan Olweus o pioneiro no estudo do construto (Olweus, 1973, 1978). Atualmente, o fenômeno corresponde a um problema de ordem mundial, considerando sua alta incidência e suas consequências para vítimas e agressores. Estudos diversos apresentam a prevalência da perpetração ou vitimização do *bullying* em diferentes países ao redor do mundo (e.g., Chester et al., 2015; Due et al., 2005).

No contexto brasileiro, Silva et al. (2018) apresentam dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2012, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde, sobre a prevalência da vitimização do *bullying* em uma amostra de 109.104 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas e de zonas urbana e rural de todo o país. Os resultados mostraram que 7,2% dos escolares relataram ter experienciado o *bullying* na condição de vítimas. Já em 2019, Silva et al. trazem dados da PeNSE do ano de 2015, dessa vez sobre a prevalência da prática de *bullying*. Participaram 102.301 estudantes, também do 9º ano, de 3.040 escolas brasileiras. Os resultados mostraram que, considerando as regiões, a prevalência da prática do *bullying* foi de 22,2 % na região Sudeste, 20,2% no Centro-Oeste, 18,9% no Sul, 17,9% na

região Norte e 16,9% no Nordeste. Já em relação às capitais, o maior percentual foi em Boa Vista (25,5%) e o menor em Palmas (16,6%).

Apesar do tímido percentual de vitimização apresentado por Silva et al. (2018), outros estudos têm apresentado um percentual consideravelmente maior. Landazabal, Mollo-Torrico e Marinõ (2018) realizaram uma revisão sistemática sobre a prevalência do *bullying* e *cyberbullying* em países da América Latina, mostrando, referente ao Brasil, dados de estudos que encontraram, por exemplo, percentuais de 16% para vitimização e 11% para perpetração (Forlim, Stelko Pereira, & Williams, 2014), 49,9% vitimização e 34,9% perpetração (Silva, Andrade, Leichsenring, & Hirle, 2014), 29,5% vitimização e 8,4% perpetração (Marcolino, Cavalcanti, Padilha, Miranda, & Clementino, 2018) e 58% de vitimização do *cyberbullying* (Mallmann, Lisboa, & Calza, 2018).

Tais taxas de prevalência do *bullying* tornam-se alarmantes devido às consequências decorrentes do sofrimento ou prática do referido comportamento agressivo. Olweus et al. (2019) apontam que os efeitos do *bullying* podem ser de ordem psicológica, fisiológica e comportamental, e ainda de curto ou longo prazo, para crianças e adolescentes vítimas do *bullying* (e.g., depressão, baixa autoestima e ansiedade), bem como para aqueles que o perpetraram ou praticam (e.g., comportamentos violentos, delinquência e quebra de normas). As vítimas de *bullying* sofrem ainda consequências como solidão, dificuldades de se relacionar com outras pessoas, ideação suicida e até mesmo o próprio ato consumado (Kim & Yun, 2016; Wolke & Lereya, 2015; Zhu & Chan, 2015). Também são flagrantes os efeitos da forma virtual da agressão (*cyberbullying*) estando também relacionada a consequências como depressão e baixa autoestima (Olweus & Limber, 2018) e ansiedade (Johansson & Englund, 2020) nas vítimas.

Além das implicações do *bullying* na autoestima das vítimas, há também estudos que mostram haver relações inversas entre a violência e o autoconceito. Braga (2012) realizou um estudo no contexto português com estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e verificou que o autoconceito correlacionou-se negativamente tanto com a conduta de vitimização, quanto com a de perpetração do *bullying*, indicando que quanto mais os indivíduos envolvem-se nesse tipo de comportamento, seja no papel de vítima, seja no de agressor, mais negativo tende a ser seu autoconceito. Nesta mesma direção, Estévez, Estévez, Segura e Suárez (2019), em estudo com 1318 adolescentes com idades entre 11 e 18 anos, encontraram resultados que apontam que agressores ou

vítimas de *bullying* ou *cyberbullying* relatam um comprometimento de diferentes dimensões do seu autoconceito (e.g., físico, acadêmico, social), com um maior agravamento para as vítimas.

Conceitualmente, define-se autoestima como um construto unidimensional correspondente à percepção que uma pessoa tem sobre si mesma, tratando-se de uma avaliação emocional, positiva ou negativa sobre seu eu (e.g., gostar ou não de si) (Olsen, Breckler, & Wiggins, 2008; Rosenberg, 1979 citados por Augestad, 2017). O autoconceito, por sua vez, é um construto multidimensional e consiste em uma atitude que o indivíduo tem sobre si, envolvendo os componentes cognitivo, afetivo e comportamental, possuindo as seguintes dimensões: autoconceito físico ou pessoal (autoavaliação do indivíduo sobre sua aparência); social (percepção sobre as habilidades sociais e relações interpessoais); familiar (como descrevem os vínculos com os demais membros da família) e acadêmico (como conceituam as relações com os pares, professores e colegas, no ambiente escolar) (Nedel et al., 2020; Sisto & Martinelli, 2004). Assim, a autoestima é frequentemente concebida como o componente avaliativo do autoconceito (Goñi & Fernández, 2009) e está positivamente relacionada a maiores índices de bem-estar e saúde mental (Del Prette & Del Prette, 2013 citados por Nedel, Mattos, & Marin, 2020).

Desse modo, as pesquisas anteriormente mencionadas indicam haver uma influência da experiência de *bullying*, especialmente no lugar de vítima, na forma como o indivíduo percebe e descreve a si próprio em diferentes dimensões, isto é, no seu autoconceito. Diante disso, o presente estudo intenciona verificar como a percepção do *bullying* vivenciado na infância e na adolescência está relacionado ao autoconceito atual de estudantes universitários, dentro de uma perspectiva quanti-qualitativa de investigação, de caráter exploratório e descritivo.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 44 universitários de uma instituição privada de ensino superior de uma cidade do interior da Paraíba, com idades variando de 18 a 35 anos ($M = 22,3$; $DP = 3,88$), constituindo-se de maioria do sexo feminino (66,7%), solteira, de classe média, heterossexual (ambas as categorias com percentual de 77,8%) e de religião católica (51,1%). Os cursos mais frequentes foram psicologia (46,7%), fisioterapia (20%) e enfermagem (11,1%). Trata-se de uma amostra não probabilística,

com amostragem por conveniência. É importante destacar que um dos critérios de inclusão dos partícipes foi ter afirmado sofrer *bullying* na infância e/ou adolescência.

Instrumentos

Foi utilizado um questionário aberto com as seguintes perguntas: 1)Quais consequências você percebe que a experiência com o *bullying* deixou em sua vida? 2) Você acredita que ter sofrido *bullying* afeta no autoconceito que você tem na atualidade? Por quê?

Além disso, fez-se uso de umquestionário sociodemográfico, a fim de colher informações da amostrarelacionadas às suas características pessoais como idade, sexo, estado civil e classe social, além de uma questão dicotômica (sim ou não) relacionada à vivência de *bullying*na infância e/ou adolescência, para triagem dos partícipes.

Procedimentos éticos

Inicialmente, foi entregue à secretária geral da instituição de ensino uma carta de anuência, com o objetivo de obter autorização da mesma para que fosse realizada a pesquisa. Em seguida, o projeto foi submetido para análise por comitê de ética competente, sendo a coleta de dados realizada somente após obtenção de parecer positivo (CAAE 25898119.60000.5181). Conforme preconiza a resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, solicitou-se aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde constam os objetivos do estudo, assim como os seus direitos. Foram garantidos aspectos como o anonimato das identidades dos participantes, o sigilo de suas informações fornecidas, além da possibilidade de desistência a qualquer instante, sem qualquer prejuízo.

Procedimentos de coleta de dados

A aplicação dos questionários foi realizada com os estudantes que se propuseram voluntariamente a preencher, os quais foram abordados em salas de aula, bem como nos corredores da instituição. Cada participante respondeu individualmente a um questionário contendo os instrumentos de interesse, demandando-se um tempo médio de 15 a 20 minutos para conclusão.

Procedimentos de análise de dados

O *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*; versão 22) foi utilizado para análises descritivas (e.g., frequência, média e desvio-padrão) para o cálculo das estatísticas descritivas da amostra. Além disso, foi utilizado o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R Pourles Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) para execução de análises textuais. Precisamente, realizaram-se neste ocasião a análise de estatísticas, nuvens de palavras e análises de similitude. A análise de estatísticas permite saber numericamente a frequência dos termos utilizados nas respostas; a nuvem de palavras possibilita uma visualização gráfica dos termos mais utilizados no *corpus*, com termos mais centralizados e maiores em tamanho sendo os mais frequentes; enquanto a análise de similitude é fundamentada na teoria dos grafos e permite, além de identificar os termos mais frequentes nas respostas obtidas, verificar as conexões desses termos com outros vocábulos, auxiliando no reconhecimento da estrutura do referido corpus textual, bem como na inferência e interpretação dos resultados (Camargo & Justo, 2013; Salvador et al., 2018).

Resultados e Discussão

Para melhor organização e entendimento, os resultados aqui apresentados e suas respectivas discussões estão divididos em duas subseções, correspondentes a cada uma das duas questões dirigidas aos participantes.

Resultados da questão 1: Quais consequências você percebe que a experiência com o bullying deixou em sua vida?

O *corpus* textual composto pelas respostas dos participantes para a supracitada questão (*corpus 1*) foi constituído por 44 textos, também 44 segmentos de texto e 401 ocorrências ou palavras totais as quais agruparam-se em 214 formas lematizadas. O número de termos que apareceram uma única vez nas respostas foi de 163, equivalente a 40,6% das ocorrências e 76,1% das formas ou termos agrupados a partir do radical.

As análises de frequências mostraram que as expressões de maior destaque no *corpus 1* foram insegurança (f=12), baixa autoestima (f=7), medo (f=7), e timidez (f=7). Contudo, destacaram-se também termos como ansiedade (f=4), trauma (f=4) e depressão (f=3). A nuvem de palavras do *corpus 1* (Figura 1) apresenta esses termos graficamente.

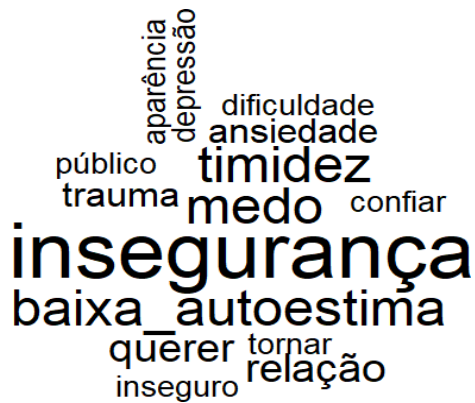


Figura 1. Nuvem de palavras do *corpus 1*

Além do interesse em contemplar visualmente os termos principais nas falas dos participantes quando perguntados a respeito das consequências adversas deixadas pela experiência do *bullying* em suas vidas, fez-se necessário, ainda, buscar analisar quais outros termos são empregados nas respostas juntamente a estes de maior destaque. A árvore de coocorrências apresentada na Figura 2 apresenta as interconexões entre os diferentes termos do *corpus 1*.

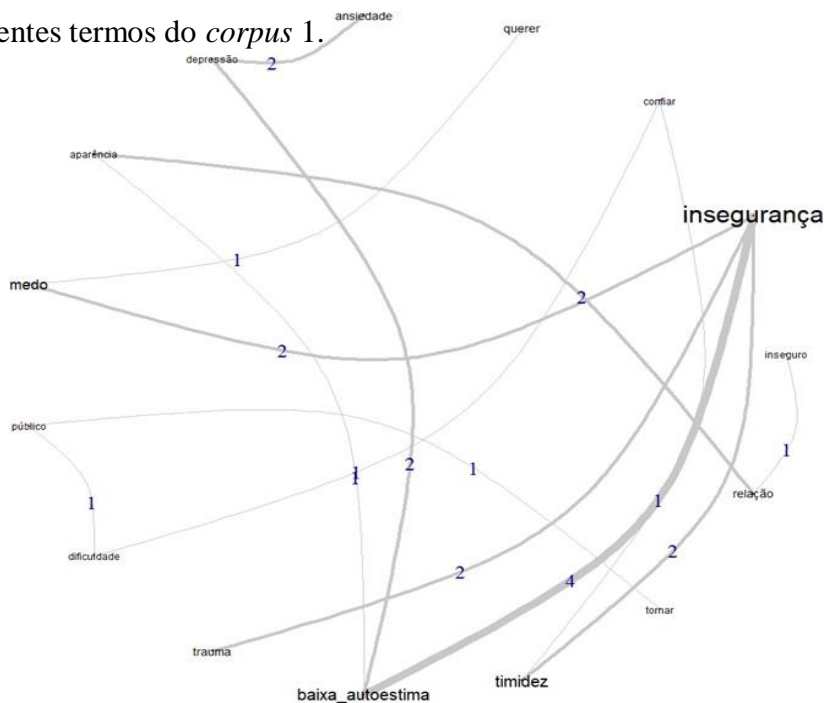


Figura 2. Árvore de coocorrências do *corpus 1*

Observa-se que a palavra “insegurança” apresentou conexão mais forte com “baixa autoestima”, estando também consideravelmente ligada aos termos “trauma”, “medo” e “timidez”. Já o termo “baixa autoestima” esteve diretamente relacionado a “aparência”, “depressão” e “ansiedade”. Finalmente, “timidez” conectou-se às palavras “confiar”, “dificuldade” e “público”.

A expressão “insegurança” foi utilizada em falas como “*insegurança e desconfiança*” (participante 39), “*insegurança e vontade de melhorar todo dia*” (participante 13), “*embora atualmente tento esquecer dos sofrimentos pelo bullying, mas criou uma insegurança de expressar meus totais sentimentos ao próximo, tenho medo das pessoas me acharem boba e incapaz*” (participante 24).

Já o termo “baixa autoestima” apresentou-se em respostas como “*baixa autoestima e depressão*” (participante 26), “*ansiedade, baixa autoestima, depressão*” (participante 10) e “*insegurança com aparência física, baixa autoestima, problema de confiança e nas relações amorosas*” (participante 17).

Em relação à palavra “medo”, falas que representam seu uso são: “*medo de aqueles episódios voltarem a acontecer e vir de pessoas que menos espero, insegurança*” (participante 23), “*ansiedade, medo, lembranças ruins, quando ouço palavras que ouvi naquele tempo eu sinto um medo insuportável*” (participante 36) e “*medo de ficar gordinha novamente e passar por tudo de novo*” (participante 40).

Por fim, o termo “timidez” foi utilizado em respostas como “*timidez, insegurança e fobia social*” (participante 1), “*me tornou uma pessoa tímida, principalmente em público*” (participante 3) e “*aumento de timidez e dificuldade de interação*” (participante 21).

De maneira geral, a análise das respostas dos participantes para esta questão apresentarem resultados que indicam consequências comuns na literatura para o fenômeno do *bullying*, como depressão, baixa autoestima e ansiedade (Olweus et al., 2019), e ainda solidão e dificuldades de se relacionar com outras pessoas (Kim & Yun, 2016; Wolke & Lereya, 2015; Zhu & Chan, 2015). Estes resultados, portanto, corroboram e servem como reforço para a literatura no tocante ao conhecimento das consequências adversas do referido fenômeno, levando a uma reflexão sobre a necessidade de intervenções no sentido de prevenir o fenômeno, especialmente no contexto da educação básica.

No que concerne à prevenção do *bullying* no âmbito escolar, Silva e Bazon (2017) fazem um ensaio teórico discutindo produções que tratam do papel dos

professores e pontuam importantes aspectos como garantir um relacionamento de proximidade com os estudantes e um clima escolar mais coeso, amigável e solidário; orientar e aconselhar a vítima a relatar a agressão à equipe escolar, a qual poderá comunicar aos responsáveis das vítimas e agressores e, juntos, tomar medidas de caráter educativo. Os professores podem ainda divulgar e discutir as regras escolares contrários ao *bullying*, bem como realizar discussões em grupo sobre o tema com os estudantes, realizar atividades lúdicas e convidar os agressores a pesquisarem e fazerem apresentações a respeito do fenômeno, levando-os a refletir sobre o mesmo. As autoras, contudo, destacam que muitas vezes os professores não possuem conhecimento necessário para compreender e agir em direção ao *bullying*, fazendo-se necessária melhor uma formação neste sentido.

Uma interessante proposta de intervenção preventiva do *bullying* é descrita por Martins e Faust (2018), a qual é fundamentada na Abordagem Cognitivo-Comportamental. A intervenção utilizou, junto aos estudantes, estratégias como a psicoeducação sobre as emoções (buscou explicar as funções de emoções como tristeza, alegria, raiva, medo e amor na vida das pessoas, bem como desenvolver a habilidade de identificar a intensidade das diferentes emoções a depender das situações do dia a dia), treino de habilidades sociais (visando melhorias nos relacionamentos interpessoais, trabalhou-se, por exemplo, o conceito de assertividade, fundamental para a resolução de problemas imediatos e minimização de problemas futuros, de modo a respeitar os direitos individuais e do próximo) e técnicas de relaxamento focadas na respiração (importantes para a autorregulação emocional). Foram também realizados momentos expositivos sobre o tema e o projeto junto aos professores, equipe escolar e familiares.

O mais antigo programa a sistematizar a prevenção do *bullying* é o denominado Programa de Prevenção do Bullying de Olweus (*The Olweus Bullying Prevention Program - OBPP*). Sucintamente, o programa é focado em mudanças de curto e longo prazo para a criação de um ambiente escolar positivo e seguro, e leva em conta componentes escolares, individuais e sociais. O OBPP é pautado em quatro princípios básicos a partir dos quais cabe aos adultos que lidam com os estudantes: a) mostrar cordialidade e interesse pelos mesmos, b) mostrar claramente os limites para comportamentos inaceitáveis, c) reforçar positivamente comportamentos desejáveis e não punir de forma hostil desvios às regras e, finalmente, d) atuarem como modelos positivos. De modo geral, o programa desenvolvido por Olweus tem como objetivos

reduzir os problemas do *bullying* entre estudantes, evitar o surgimento de novos eventos e levar ao desenvolvimento de melhores relações interpessoais entre pares (Limber, Olweus, Wang, Masiello & Breivik, 2018).

Retomando os discursos observados nas análises das respostas da primeira questão, foi evidenciado, ainda, outro ponto importante que merece ser pontuado e discutido a fim de garantir uma melhor compreensão. Precisamente, chamou atenção a conexão entre os termos insegurança, medo e trauma, como observado nas falas dos participantes 23, 36 e 40, por exemplo. O trauma psicológico, especificamente, decorre de um evento adverso, desagradável e estressante que provoca uma forte reação emocional, a curto ou a longo prazo, e que pode causar um impacto na saúde física e mental de um indivíduo. Assim, o trauma psicológico é resultado de uma experiência traumática e provoca sofrimento físico e/ou emocional do indivíduo, bem como leva a uma percepção de ameaça a sua segurança e estabilidade (Marques, 2019). Neste sentido, o trauma relatado pelos partícipes refere-se a uma espécie de ansiedade de voltarem a ser alvos dos agressores, isto é, de serem novamente vítimas do *bullying* e experienciar novamente todo o sofrimento decorrente dos episódios adversos inerentes a este fenômeno.

É necessário, neste ponto, discutir maneiras de lidar com os traumas psicológicos decorrentes do *bullying*. Neste sentido, Monteiro e Rizo (2013) propõem um tratamento clínico às vítimas a partir da perspectiva da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC), direcionando-a como uma das mais eficazes terapias para resolver os problemas acarretados pela vivência do *bullying* que comprometem a qualidade de vida e desenvolvimento psíquico dos indivíduos que dele foram alvos.

Ainda segundo Monteiro e Rizo (2013), o processo terapêutico a partir da TCC com vítimas do *bullying* envolve treinamento de habilidades sociais, reestruturação cognitiva, manejo da raiva e promoção de resiliência. Indicam que, antes de tudo, é necessário antes de tudo que o terapeuta tenha uma postura acolhedora e empática para com o paciente. Diferentes técnicas são descritas como possibilidades de intervenção. Para lidar com a ansiedade, as autoras propõem o treino em respiração diafragmática e o relaxamento muscular progressivo. A reestruturação cognitiva pode ser desenvolvida através do registro de pensamentos para trabalhar os pensamentos disfuncionais da vítima em relação a si mesma. O treino de habilidades sociais, e mais precisamente da assertividade, é fundamental para levar a vítima a conseguir se colocar de maneira firme

e assertiva perante o agressor. Para lidar com a raiva, são possibilidades a técnica da mochila e a técnica do termômetro.

Finalmente, no tocante à promoção da resiliência, Monteiro e Rizo (2013) destacam que desenvolver uma capacidade de superar as situações adversas é essencial para que a vítima consiga dar prosseguimento a sua vida de maneira saudável. O terapeuta pode utilizar, por exemplo, a técnica da balança, levando o paciente a pesar o custo-benefício e consequências de seus comportamentos, reforçando a capacidade de enfrentamento e comportamento resiliente, bem como a técnica “por enquanto e para sempre” para distinção de se os eventos estressores são de curta ou de longa duração, permitindo a vítima entender que não precisa levar as adversidades vivenciadas em um momento específico ao longo de sua vida.

Diante do exposto, entende-se que prevenir os acontecimentos de *bullying* entre crianças e adolescentes, formar professores e conscientizar todos os atores do contexto escolar e social sobre o fenômeno, suas características, implicações e como combatê-lo, bem como fazer um acompanhamento psicológico das vítimas, tanto na infância, quanto na vida adulta, é mister para promover saúde e qualidade de vida para esses indivíduos.

Resultados da questão 2: Você acredita que ter sofrido bullying afeta no autoconceito que você tem na atualidade? Por quê?

O *corpus* 2, formado pelas respostas dadas pelos partícipes à segunda questão levantada, constituiu-se de 41 textos, 42 segmentos de texto, 609 ocorrências (palavras totais) e 299 formas lematizadas ou termos agrupados a partir do radical. 211 termos foram empregados apenas uma vez nas falas dos participantes (34,6% das ocorrências e 70,5% das formas).

A partir da análise de estatísticas (frequências) das respostas obtidas para a questão supracitada, foi possível identificar que os termos mais empregados nos discursos foram *bullying* (f=6), julgar (f=5), passar (f=5), e ver (f=5). Também se destacaram os termos penas (f=4), achar (f=4) e acreditar (f=3), importantes para a inferência e interpretação dos resultados. A Figura 3 mostra a nuvem de palavras que representa graficamente tais termos em relação às suas ocorrências.

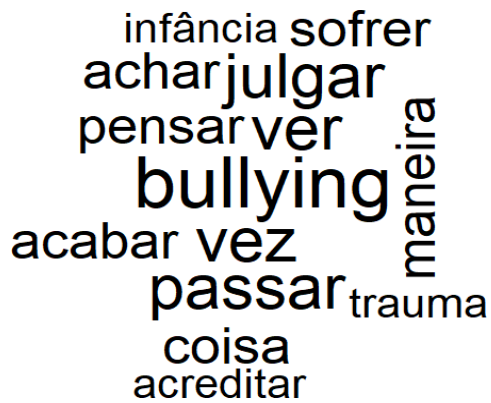


Figura 3. Nuvem de palavras do *corpus 2*

Objetivou-se, de igual modo, conhecer as interconexões entre os termos mais utilizados nas falas que compuseram o *corpus 2* com outros vocábulos. Para tanto, efetuou-se novamente uma análise de similitude, a qual deu origem à árvore de coocorrências (Figura 4) que viabiliza satisfazer tal objetivo.

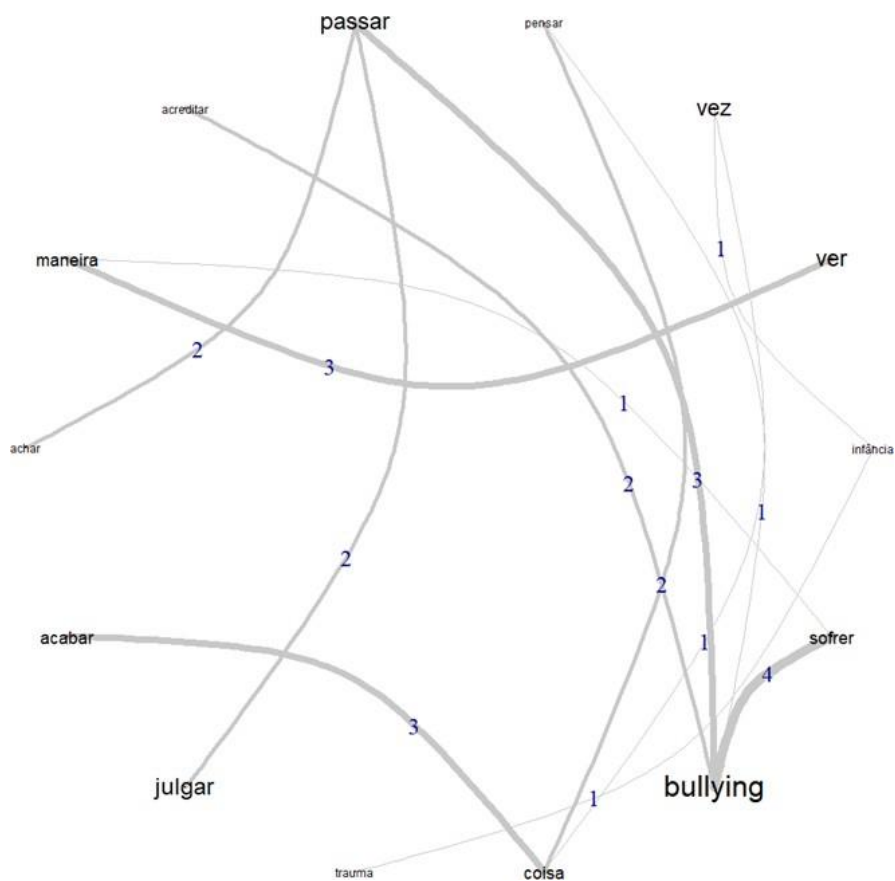


Figura 4. Árvore de coocorrências do *corpus 2*

O termo central “*bullying*” esteve diretamente ligado a palavras como “sofrer” e “passar”. Compreende-se que tais termos destacaram-se nos textos por constituírem introduções nas falas dos participantes (e.g. “*Porque a partir do bullying que sofri fez com que mudasse a maneira como me vejo e minha comparação com os outros geralmente me traz desconforto*”; participante 25). Ainda, a expressão “sofrer” conectou-se à “maneira” e “ver”, ao passo que “passar” associou-se a “julgar” e “achar”. É importante observar que, de maneira menos imediata, “*bullying*” conectou-se à “infância” e “trauma”.

A palavra “*bullying*” esteve presente em falas como “*acabamos por acreditar no bullying sofrido*” (participante 2), “*porque tudo que se passa na cabeça de uma pessoa que já sofreu bullying é o medo da reprovação*” (participante 17) e “*porque os motivos do bullying giravam em torno de características pessoais e isso me levou a evitá-las*” (participante 5).

“Passar”, por sua vez, foi um termo utilizado em respostas a exemplo de: “*porque no momento do qual sofremos o bullying, passamos a acreditar na verdade dos agressores*” (participante 11) e “*a pessoa passa a se comparar ou até mesmo se julgar insuficiente diante de inúmeras situações do dia a dia*” (participante 20).

No que se refere ao verbo “ver”, este foi utilizado em textos como “*não consigo olhar para mim sem fazer um julgamento pessoal das minhas características e escolhas, e não vejo pontos positivos em mim*” (participante 3), “*a pessoa se vê diminuída, impotente e deslegitimada*” (participante 9), e “*Porque influencia na maneira em como me vejo e a não gostar do meu corpo*” (participante 41).

Finalmente, “julgar” foi um termo presente nos seguintes exemplos de falas: “*Mesmo que não mais constantemente, em alguns momentos acabo me julgando e martirizando por muitas coisas que já ouvi e internalizei*” (participante 14) e “*pois durante muito tempo, nunca fui o padrão dos meninos da minha escola, com isso, passei a me julgar e me sabotar, achando que eu era inferior, com isso comecei a me comparar e viver achando defeitos*” (participante 40).

No que concerne aos resultados da questão sobre a influência do *bullying* vivenciado na infância e adolescência no autoconceito atual dos participantes, foi identificado que estes indicaram crer que o autoconceito que possuem hodiernamente é

afetado pela experiência de vitimização do *bullying* que sofreram no passado. Também é possível observar que em decorrência do sofrimento causado pelo referido fenômeno, estas vítimas passaram a acreditar na verdade dos agressores e a apresentar uma visão distorcida de si mesmas, julgando-se de maneira negativa.

As ligações entre os termos *bullying*, passar e julgar, observada na árvore de coocorrências do *corpus 2*, evidenciam a comparação que as vítimas fazem entre si e outras pessoas, bem como permite inferir de que maneira o autoconceito foi afetado como consequência da vitimização, ocasionando em uma visão negativa sobre si mesmas, se julgarem insuficientes e não conseguirem visualizar aspectos positivos individuais.

Considerando os resultados obtidos a partir das análises das falas dos participantes para a segunda questão realizada neste estudo, fica evidente as implicações do *bullying* no autoconceito das pessoas, mesmo posteriormente à experiência adversa do fenômeno, podendo, neste caso, comprometer diferentes dimensões da percepção que possuem sobre si próprias, a exemplo do autoconceito físico e social, estando esses resultados consonantes com o que apresenta a literatura (e.g., Braga, 2012; Estévez et al., 2019).

Compreendendo que algumas pessoas podem questionar, com certa estranheza, como o *bullying* vivido na infância e/ou adolescência pode afetar aspectos psicológicos dos indivíduos mesmo quando adultos, isto é, como o fantasma do fenômeno pode assombrar ao longo dos anos, é importante destacar, nesta ocasião, que não são improváveis ou raros os efeitos do *bullying* a longo prazo para todos os atores envolvidos, mas em especial para as vítimas. A literatura é robusta no que concerne a tais efeitos de longo prazo. Por exemplo, Wolke e Lereya (2015), em estudo de revisão, discutem os impactos do *bullying* na vida de adultos vitimados na infância. São elencadas consequências na saúde (e.g., doenças psiquiátricas, ideação suicida, tabagismo), no desempenho acadêmico, laboral e financeiro, e também comprometimento de relações sociais com pares e familiares.

Em relação ao autoconceito, este é relevante em diversas situações sociais e é formado, em grande parte, sob influência de fatores interpessoais e sociais (Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2015). Dessa forma, compreende-se que um autoconceito positivo é essencial para o desenvolvimento de relações interpessoais satisfatórias, ao passo que o comprometimento do autoconceito pode prejudicar tais relações fundamentais na vida dos indivíduos. A autoestima, considerada o componente avaliativo do autoconceito,

quando baixa está relacionada a uma maior propensão à ansiedade, depressão, abuso de drogas, transtornos de alimentação, menor prosperidade financeira. Já indivíduos com maior senso de valor próprio são mais felizes, menos inclinados ao abuso de álcool e outras drogas, menos neuróticos, mais resilientes e possuem maior bem-estar a longo prazo (Myers, 2014).

Pensar em estratégias para promover autoconceito, autoestima e resiliência é, portanto, de suma importância para garantir que aquelas pessoas, que estejam na infância, adolescência ou já na vida adulta, que tiveram a infelicidade de serem vitimadas pelo fenômeno do *bullying* possam ter mais saúde, bem-estar e qualidade em diferentes aspectos de suas vidas, tornando-se indivíduos com todas as suas potencialidades maximizadas.

Considerações Finais

Os objetivos do presente estudo foi investigar quais consequências a vivência do *bullying* na infância e/ou adolescência deixou na vida de estudantes universitários, segundo relato dos mesmos, assim como conhecer de que maneira percebem que o *bullying* que sofreram no referido período afeta o autoconceito que possuem na atualidade. Diante dos resultados obtidos, confia-se que tais objetivos foram satisfatoriamente alcançados. Os principais achados corroboram a literatura sobre a temática, reforçando consequências severas do *bullying* na vida das vítimas, como baixa autoestima, ansiedade e depressão. Foi evidenciado, ainda, a partir dos discursos manifestos, a composição de traumas decorridos dessa violência. Ademais, os partícipes relataram perceber que terem sido vítimas de *bullying* é um fator que compromete as diferentes concepções que possuem sobre si mesmos na atualidade, isto é, as diferentes esferas do autoconceito.

Apesar dos achados supracitados, faz-se necessário elencar algumas limitações desta pesquisa, das quais nenhuma investigação científica se isenta. A primeira delas é referente ao fato de ter sido levada em conta uma amostra de uma instituição específica de uma única cidade. Mesmo sendo uma característica da pesquisa qualitativa a consideração de contextos particulares socialmente construídos (Richardson, 2017), julga-se ser adequada uma maior diversidade dos participantes. Uma segunda limitação diz respeito a terem sido utilizadas medidas de autorrelato e, além disso, ter sido

investigado o fenômeno vivido no passado, fazendo-se necessário que os respondentes recorressem à memória, o que pode implicitamente envolver distorções da percepção. Finalmente, as respostas dadas pelos participantes às perguntas formuladas foram, em geral, curtas, comprometendo a possibilidade de realização de análises mais robustas e sofisticadas como a Classificação Hierárquica Descendente (Camargo & Justo, 2013).

Estudos futuros podem buscar contornar algumas dessas limitações, como incluir uma amostra mais pluralizada, utilizar técnicas que levem a dados mais profundos, como a entrevista, bem como utilizar de medidas implícitas, que não dependam de autorrelato. Finalmente, este estudo contribui ao endossar a literatura sobre a temática do *bullying* e suas consequências, no âmbito acadêmico, e levanta a reflexão da necessidade sempre urgente de intervenção no sentido de prevenir o referido comportamento agressivo entre crianças e adolescentes e promover cuidados para a saúde mental daqueles que por ele foram vitimados.

Referências

- Augestad, L. B. (2017). Self-concept and self-esteem among children and young adults with visual impairment: A systematic review. *Cogent Psychology*, 4(1), 1-12.
- Braga, S. C. C. (2012). O autoconceito no fenômeno de *bullying* em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal. Recuperado em <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/798>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518.
- Chester, K. L., Callaghan, M., Cosma, A., Donnelly, P., Craig, W., Walsh, S., & Molcho, M. (2015). Cross-national time trends in *bullying* victimization in 33 countries among children aged 11, 13 and 15 from 2002 to 2010. *The European Journal of Public Health*, 25(2), 61-64.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2013). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Due, P., Holstein, B. E., Lynch, J., Diderichsen, F., Gabhain, S. N., Scheidt, P., & Currie, C. (2005). *Bullying and symptoms Among School-aged children: international*

comparative cross sectional study in 28 countries. *European journal of public health*, 15(2), 128-132.

Estévez, E., Estévez, J. F., Segura, L., & Suárez, C. (2019). The influence bullying and cyberbullying in the psychological adjustment of victims and aggressors in adolescence. *International journal of environmental research and public health*, 16, 1-16.

Forlim, B. G., Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. D. A. (2014). Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino fundamental. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 31(3), 367-375.

Goñi, E., & Fernández, A. (2009) El autoconcepto. In A. G. Grandmontagne (Ed.). *El autoconcepto físico* (pp. 20-27). Madrid: Ediciones Pirámide.

Johansson, S., & Englund, G. (2020). Cyberbullying and its relationship with physical, verbal, and relational bullying: a structural equation modelling approach. *Educational Psychology*, 1-18.

Landazabal, M. G., Mollo-Torrico, J. P., & Marinõ, E. L. (2018). Prevalencia de Bullying y Cyberbullying em Latinoamérica: una revisión. *Revista Iberoamericana de Psicología*, 11(3), 1-18. Retirado de <https://reviberopsicologia.ibero.edu.co/article/view/rip.11301>

Limber, S. P., Olweus, D., Wang, W., Masiello, M., & Breivik, K. (2018). Evaluation of the Olweus Bullying Prevention Program: A large scale study of US students in grades 3–11. *Journal of school psychology*, 69, 56-72.

Mallmann, C. L., Lisboa, C. S., & Calza, T. Z. (2018). Cyberbullying e estratégias de coping em adolescentes do sul do Brasil. *Revista Acta Colombiana de Psicología*, 21(1), 23-33.

Marcolino, E. D. C., Cavalcanti, A. L., Padilha, W. W. N., Miranda, F. A. N. D., & Clementino, F. D. S. (2018). Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 27(1) 1-10.

Marques, P. S. (2019). *Burnout e trauma psicológico em enfermeiros em contexto hospitalar*. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem do Porto, Porto, Portugal. Recuperado em <http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31951>

Martins, F. S., & Faust, G. I. (2018). Prevenção ao bullying: intervenção baseada na Abordagem Cognitivo-Comportamental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 14(2), 113-120.

- Monteiro, B. C. C., & Rizo, L. (2013). Vítimas de bullying: Proposta de tratamento utilizando técnicas da terapia cognitivo-comportamental. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, 1(2), 59-66. Recuperado em https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/1183
- Myers, D. G. (2014). *Psicologia Social*. Porto Alegre: AMG.
- Nedel, R., Mattos, D. A., & Marin, A. H. (2020). Autoestima e autoconceito infantil, escolaridade parental e sua relação com desempenho escolar no ensino fundamental I. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 14(1), 149-168.
- Olsen, J. M., Breckler, S. J., & Wiggins, E. C. (2008). *Social psychology alive*. Toronto: Thomson Nelson.
- Olweus, D., & Limber, S. P. (2018). Some problems with cyberbullying research. *Current opinion in psychology*, 19, 139-143.
- Olweus, D., Limber, S. P., & Breivik, K. (2019). Addressing specific forms of *bullying*: A large-scale evaluation of the Olweus *bullying* prevention program. *International journal of bullying prevention*, 1(1), 70-84.
- Richardson, R. J. (2017). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 4a. ed. São Paulo: Atlas.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2015). *Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York, NY: Basic Press.
- Salvador, P. T. C. O. (...) & Santos, V. E. P. (2018). Uso do software IRAMUTEQ nas pesquisas brasileiras da área da saúde: uma scoping review. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31, 1-9.
- Silva, J. L. D., Mello, F. C. M. D., Oliveira, W. A. D., Prado, R. R. D., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2018). Vitimização por *bullying* em estudantes brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). *Texto & Contexto-Enfermagem*, 27(3) 1-10.
- Silva, J. L. D., Oliveira, W. A. D., Mello, F. C. D. M., Prado, R. R. D., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2019). Prevalência da prática de *bullying* referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 28(2), 1-11.
- Silva, K., Andrade, A., Leichsenring, F., & Hirle, V. (2014). El *bullying* em los alumnos de quinto año de lãs escuelas municipales Del Reconcavo de Bahia. *Revista de*

Investigación Universitaria, 3(1), 43-52. Recuperado em <https://revistas.upeu.edu.pe/index.php/riu/article/view/698>

Sisto, F. F., & Martinelli, C. S. (2004). Estudo preliminar para a construção da escala de autoconceito infante-juvenil (EAC-IJ). *Interação em Psicologia*, 8(2), 181-190.

Wolke, D., & Lereya, S. T. (2015). Long-term effects of bullying. *Archives of disease in childhood*, 100(9), 879-885.

Recebido março de 2021

Aprovado junho de 2022
